



A LINGUÍSTICA ENQUANTO CIÊNCIA

Maria Aparecida Alves Ribeiro¹

Marlon Leal Rodrigues²

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo elencar elementos que reafirmam a posição da Linguística enquanto ciência, mostrando primeiramente os estudos linguísticos que foram feitos antes de Saussure até a reunião de seus textos pelos alunos do curso e publicados como livro. Num segundo momento explanar sobre a definição de campo da Linguística, fazer refletir sobre a subjetividade da linguagem pela visão de Benveniste e por fim as considerações de Sírio Possenti sobre os campos da Linguística que apresentam maiores possibilidades de pesquisa de intervenção social para que a linguagem não seja lugar de discriminação. A Linguística propriamente definida em estudos linguísticos começa em 1928, no Círculo de Praga, em que são apresentados os estudos de Ferdinand Saussure organizados pelos seus alunos em que se define a Linguística como ciência, não apenas como disciplina que estudava os textos históricos pelo método comparativo, mas que o seu objeto seria a língua partindo do pressuposto de que a língua é uma instituição social e não um organismo vivo como pensavam vários estudiosos até aquela época. A Linguística hoje é considerada ciência piloto em que serve de base para as outras ciências sociais como Psicologia, Filosofia, Sociologia e outras áreas onde se observa a linguagem para se entender todo o comportamento social.

Pesquisadores importantes que prepararam o corte de Saussure para o surgimento da Linguística como ciência

Para que se tenha um melhor entendimento de como a Linguística se consolidou enquanto ciência é preciso analisar teóricos que mostram o encadeamento de pesquisas realizadas até agora na área. O objetivo de Faraco (2005, p. 28), ao mencionar os autores do período anterior a Ferdinand Saussure é explanar sobre as condições do estudo das línguas no século XIX, que foram de fundamental importância para o estruturalismo, e mostrar os eixos de análise que se mantêm até hoje.

Antecede o estruturalismo de Saussure, A. Schleicher de pensamento naturalista e W. Whitney concebendo a língua como instituição social. O método comparativo e histórico estava em princípio de formulação por William Jones com a comparação entre o sânscrito, o grego e o latim. Bopp estabelecia

¹ Mestre em Produção de Texto Escrito e Oral pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) Unidade Universitária de Campo Grande.

² Professor Doutor em Linguística Pela UNICAMP e Professor na UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) Unidade Universitária de Campo Grande.

o parentesco com as línguas usando textos com sequência cronológica observando a morfologia e Grimm usou uma sequência de quatorze séculos para estabelecer a comparação diacrônica. Verner e Grimm mostraram que as línguas passavam por mudanças com certa regularidade e instituíram as leis fonéticas, pois a mudança sonora estava subordinada a leis que não admitiam exceções, já Schleicher que desenvolveu os estudos lituanos foi o primeiro a observar a língua pela fala e não através de textos, como era realizado até então.

Os neogramáticos, (1878, *Morphologischen Untersuchungen*), questionavam o método de postulados teóricos para a interpretação da mudança da língua. Primeiro, questionavam sobre o fato das leis fonéticas serem apenas aparentes. O estudo linguístico não deveria só observar os fatos e sim expor também outros fatores: físico e psicológico. O rigor metodológico é marca fundamental desse grupo que surgia como um divisor de águas entre o que já se sabia sobre as línguas e o que poderia se pesquisar. E diante do estudo, posteriormente, entendeu-se que as leis fonéticas eram a fórmula de correspondência entre sistemas fonéticos sucessivos de uma mesma língua. Por outro lado, três questões colocaram à prova os neogramáticos por parte de opositores à corrente, o imanentismo, o psicologismo e o subjetivismo.

Segundo Faraco (2005, p. 39), vários autores criticam os neogramáticos que observam a mudança não como um fato casual e sim num contexto mais complexo. Hugo Schuchardt abriu um caminho sobre o tratamento do contexto social e cultural da língua, na medida em que é visto como fator de observação à variedade linguística, chamada mais tarde de dialetologia por Meillet (FARACO, p. 39).

Whitney (FARACO, p. 40), escreveu a primeira gramática em sânscrito e se interessou pelos estudos das línguas indígenas da América do Norte. Defendia a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria diferenciar-se do estudo histórico-comparativo e ser independente das ciências naturais e da Psicologia. Humboldt defendia a linguagem e o pensamento como unidade.

Em direção à uma filosofia do interacional, Faraco (2005, p.46), afirma que os estudos Pré-Saussurianos deixaram a clareza da língua em ligação com a história e que não seria demais falar sobre a interação e encadeamento de estudos linguísticos visando à afirmação da Linguística como ciência no século XVIII e principalmente no correr do século XIX.

Os impactos dos estudos em Linguística só aconteceram na década de 1920, após a segunda guerra mundial. Saussure deixou seus escritos com concepções que ofereciam as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da língua. Foi a partir de seu projeto de estudos, que não se pôde mais levar em conta apenas a linguagem considerada em si mesma sendo separada da história.

Outro linguista que tem seu nome marcado na história da Linguística é Edward Sapir que desempenhou, ao lado de Leonard Bloomfield, papel fundamental para o desenvolvimento da escola Linguística norte – americana. Ambos têm a concepção antropológica da linguística examinando as línguas indígenas, que possibilitou a ampliação do campo filosófico da linguagem. Bloomfield procurou trabalhar a metodologia de estudo da Linguística e Sapir as questões filosóficas. As ideias partem de artigos expostos no livro de 1920 tendo a Linguística como ciência. De um estudo de fenômenos suscetíveis a se reduzirem a leis de formulação geral e constante a partir do desenvolvimento das línguas através do tempo. Ele não só aceitava o conceito de leis fonéticas como também prova a universalidade de sua teoria aplicando ao estudo das línguas indígenas norte-americanas. Como base de análise, Sapir percorre o processo das línguas no tempo para chegar a uma classificação genética compreensiva.

Para Sapir há duas concepções de leis fonéticas, uma que lhe parece existem associações implícitas entre os sons e os valores gramaticais; por outro lado os sons da fala recebem uma interpretação estruturalista, mediante a qual são apreendidos como pontos de um padrão fonético, psicologicamente estruturado em correlações e contrastes, e não como fenômenos acústicos e articulatórios apenas. É a partir de Sapir que os estudos de fonologia e fonética se definem abrindo mais um precedente na consolidação da Linguística como ciência.

Sapir propôs que a língua fosse observada como fenômeno de cultura e que seria situado como “A Posição da Linguística como Ciência”, a partir de que se propusesse um tipo de estudo que não seguisse o método das ciências naturais e que servisse de parâmetro para as outras ciências. Para Sapir a língua se caracteriza enquanto fenômeno social e dentro deste, o fenômeno linguístico como efeito. Sapir considera o pensamento discursivo dividido em três dimensões inter-relacionadas num nível lógico, um nível psicológico e um nível linguístico.

Comentando as duas obras definidas do estudo de Sapir, em seus dois artigos, a crítica é de que essa psicologia que enquadra o estudo da linguagem não se identifica com as melhores possibilidades

de definição do estudo como a psicologia da estrutura e a psicanálise que segundo suas resenhas não dariam conta de uma análise antropológica da forma e da temática do subconsciente. Tinha como incômodo a maneira pela qual o indivíduo manipula na sua expressão pessoal, os padrões coletivos e arbitrários da língua. Sapir acreditava que até o timbre e a entoação vocal têm um caráter social precípua, que é preciso isolar para se fazer surgir as características individuais. Outra preocupação de Sapir é com a função estética da linguagem, devido a sua sensibilidade artística priorizava o estudo da língua na arte literária.

A Linguística nasceu cientificamente com os estudos comparativistas, na base da hipótese de que as mudanças fonéticas são regulares e que a maior parte dos reajustamentos morfológicos em linguagem vem como produtos residuais na esteira desse desenvolvimento regular nos sons. Há uma necessidade de explicações psicológicas e sociológicas sobre o comportamento das línguas, mas nem a psicologia nem a sociologia estão em condições de dizer à Linguística que espécie de formulações históricas o linguista deve fazer. Sapir considera que as línguas de povos mais cultos sofreram a interferência da atuação de tendências contraditórias como o empréstimo a outras línguas, a intromissão dialetal e as diferenciações sociais no falar. Não deve haver dúvidas sobre a importância dos métodos de análise das línguas indo-europeias para os estudos de outros grupos de línguas.

O linguista não pode observar apenas as teorias em Linguística é preciso interessar-se por antropologia, história cultural, sociologia, psicologia, filosofia, fisiologia e a física, a linguagem é o filtro para a realidade social. É de fato que o mundo real se constrói inconscientemente na base de hábitos linguísticos do grupo. Para os sociólogos as facilidades e as barreiras linguísticas são importantes e servem para a transmissão das atitudes padronizadas de comportamento. Segundo Sapir a psicologia terá a Linguística para fazer “um mapeamento da parte psicológica do ser humano”. O filósofo precisa da Linguística para trabalhar com seus hábitos linguísticos, pois os linguistas estariam em condições para auxiliar o filósofo. Por outro lado, são os linguistas que precisam das ciências naturais para uma melhor compreensão da língua.

Definição de campo e subdivisões da Linguística

Em Gagliari (1992, p.16), faz refletir ainda sobre o papel que a escola desempenha hoje com relação à linguagem. A escola diante de um aluno pode aceitar tudo, ou parte, aquilo que ele diz e

escreve, pois está relacionado à comunicação? Como posicionar o campo para que o aluno entenda a Linguística como ciência?

Neste trecho o autor aborda a definição da divisão dos estudos linguísticos dando ênfase em Fonética e Fonologia. Começa falando da linguística voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer descrevendo pelas teorias, quer usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências.

A Fonética procura descrever e analisar a fala das pessoas em situações reais, já a fonologia ocupa-se com os aspectos interpretativos dos sons, dos valores dos sons, de sua estrutura funcional nas línguas. Na Linguística moderna a palavra fonema tem um significado especial que seria o de que o som é usado para distinguir palavras e seria chamado de fonema da língua.

Já a Morfologia estuda o signo linguístico reduzido a sua expressão mais simples. Podem-se juntar mais palavras para formar um sintagma, seria o exemplo de uma locução adjetiva, por exemplo.

A Sintaxe estuda o que se relaciona com a combinação linear de morfemas, ou seja, sua função na oração. E a semântica preocupa-se com o significado dos morfemas, as teorias apontam que quando o falante coloca a língua em funcionamento, dizendo algo pode, naquele contexto, significar outra coisa.

A Pragmática estuda o que o homem faz com a linguagem. A heterogeneidade das pessoas produz textos diferentes que precisam ser analisados pela coesão e coerência e também pelo discurso do falante que posiciona o falante na sociedade. Na psicolinguística uma de suas preocupações é o processo de aquisição da língua entre crianças de até sete anos e a Sociolinguística se faz importante porque as variações geográficas, sociais e estilísticas devem ser levadas em conta para a análise da língua.

Em Gagliari (1992, p. 46), a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos. A falta é também o lugar do possível da interpretação. O sujeito é a condição de impellido, significa que trabalhamos continuamente a articulação entre estrutura e acontecimento: nem o exatamente fixado, nem a liberdade em ato. Os sujeitos são feitos na sociedade, são produtos dela e em análise de discurso se trabalha a interpretação através de se saber o “como” e não mais o “que” na interpretação do discurso.



A Linguística tem seu campo bem definido e com pesquisas que confirmam a sua posição enquanto ciência, porque serve a outras áreas do conhecimento para compreensão do comportamento humano uma vez que tem como objeto de estudo a língua. Portanto, não se trata da escola aceitar ou não, o que o aluno produz na escola em termos de linguagem. E sim propiciar ambiente em que se observe o certo, o errado e o diferente, trabalhando de forma de que não se negue o fato do heterogêneo. A escola é uma instituição em que se pode praticar a Linguística enquanto ciência.

A importância dos estudos de Benveniste para a constituição da Linguística enquanto ciência

No texto a estrutura da língua e estrutura da sociedade (2006, p. 93), o autor se propõe a analisar duas grandes organizações que expõem o óbvio e coloca uma contradição: a língua e a sociedade.

A linguagem é o ponto que vincula o homem com seu objeto, ou seja, com o seu semelhante. A linguagem exige e pressupõe o outro, “nesse ponto a sociedade é dada com a linguagem, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação”, a partir daí a linguagem é o movimento da sociedade.

Contrapondo argumentos, Benveniste (2006, p. 96 - 97), cita autores que ratificam que a língua “é o espelho da sociedade refletindo a estrutura social com sua peculiaridade e movimento”. O autor levanta a questão de um ângulo, de que a forma como foi discutida a questão até agora não nos aproxima de uma solução.

Essa solução é aproximar os conceitos de estrutura da língua e estrutura da sociedade? Benveniste (2006, p.98), propõe analisar a questão que é complexa não por um lado simplista de buscar uma única relação entre essas duas organizações, mas de entender a correspondência entre estrutura social e estrutura linguística pelo desdobramento da estrutura linguística definida em quatro caracteres: elas são unidades discretas, são em número finito, são combináveis e são hierarquizadas.

Já a estrutura da sociedade, é de natureza dupla o sistema relacional ou de parentesco e o de divisão que é o sistema de classes sociais que é dirigido pelas funções de produção. O texto defende que há uma constatação de que não existe correspondência nem de natureza, nem de estrutura entre os elementos constitutivos da sociedade que é preciso avançar desse ponto observando a sociedade como

dado histórico e por outro lado como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens e assim a língua como idioma histórico, mas também como sistema de formas significantes, condição primeira de comunicação.

Benveniste (2006, p.100), posiciona-se enquanto pesquisador na defesa de que sociedade e língua são imanentes, herdadas e inconscientes, que não podem ser alteradas pela vontade do homem. O que é sentido como mudança são as instituições, como por exemplo, a igreja, o sindicato, etc. Mudanças de uma sociedade aleatória, sempre influenciada pelo sistema econômico, sistema de produção, porém não se pode mudar jamais o princípio de sociedade que é a base e a condição de vida coletiva. Na língua não é diferente o que é possível mudar é o princípio de designação, o uso ou desuso de palavras, por exemplo, que se altera em quantidade, que se substitui, todavia nunca o sistema da língua.

Benveniste (2006, p. 103), propõe que se note a capacidade dual da linguagem, que enquanto sociedade a língua representa uma permanência na sociedade que muda, a língua é identidade em meio às diversidades individuais.

Já que não se pode ir pelo caminho do psicologismo, como proceder na análise? Simples. Observar que a língua segue os mesmos caminhos que a sociedade, que busca suas forma de subsistência, se esforça para produzir e transformar o natural e de multiplicar ferramentas de transformação.

Atualmente tem se prendido ao estudo do “semantismo” social para analisar através do vocabulário as fases da organização social, regimes políticos e sobre os modos de produção. Como a língua emana do ser para o ser está diretamente ligada à coletividade. Nesse ponto o autor leva a uma reflexão de que surge uma nova configuração que é a inclusão do falante em seu discurso desdobrando uma rede complexa de relações espaços-temporais que determinam os modos de enunciação.

Em Benveniste (1995, p. 286), A subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como sujeito”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. Implica no entendimento de uma posição em que se defende o estudo da língua e da enunciação.

A função instrumental defendida seria a da troca da palavra, para ser configurada como comunicação efetiva na linguagem. Trata-se em saber como o signo passa a expressão da fala. A subjetividade é construída a partir da reflexão de si. “A que, então, se refere eu? A algo muito singular,

que é exclusivamente linguístico: **eu** se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor”, (BENVENISTE, 1995, p. 288).

A formulação do homem enquanto sujeito é feita na linguagem e pela linguagem, ao longo de sua socialização o sujeito vai construindo a sua subjetividade. O uso dos pronomes pessoais como marcadores de posição do sujeito e a marcação da temporalidade em todas as línguas, enfatiza a importância da linguagem enquanto enunciação, uma vez que implica na apropriação da subjetividade na linguagem. Assim, o sujeito da enunciação é um sujeito distinto do sujeito do enunciado devido aos marcadores de tempo e espaço em especial. Subjetividade e interdiscursividade: Em Análise de Discurso (AD) o sujeito é marcado pela posição da qual se enuncia. Em AD, o sujeito é reconhecidamente um sujeito histórico e de Direito.

Em Benveniste (2006, p. 68), observa-se que todas as línguas são lineares em determinadas categorias de expressão que são elementares e que podemos percebê-las na experiência subjetiva dos sujeitos circunscritos na e pela linguagem. Essas categorias são a de pessoa e a de tempo.

Nas situações cotidianas o homem posiciona-se enquanto “eu” por oposição a “tu” e “ele”. Um comportamento instintivo enquanto que aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador “eu” a “ele” - mesmo que fala. Essa ação de discurso que enuncia “**eu**” aparecerá, sempre que é repetida como a mesma ação para aquele que a entende, porém para quem a enuncia, é uma ação nova, embora seja frequente a sua reprise, ela será enunciada em novo tempo e com outra determinação de circunstâncias e de discursos.

Esse movimento único é impulsionador dessa subjetividade, não só os pronomes funcionam como experiências reservadas, mas também os dêiticos que arrumam o espaço para que enunciator e locutor se posicionem em coordenadas de espaço observando que o organizador é o centro.

Segundo Benveniste (2006, p.70), uma categoria que é vista como uma dificuldade em certas línguas, que não são flexionais é o tempo, pois se acredita que não havendo verbo não há tempo. Porém Benveniste (2006, p. 70 – 75), delimitou em seus estudos duas definições de tempo para que ele pudesse delimitar em que condições acontecem o tempo linguístico. São determinados dois tempos: o tempo físico, que é um contínuo uniforme, psíquico e variável que é medido por emoções e ritmo interno

do sujeito, e o tempo crônico, que é o tempo dos acontecimentos que engloba a vida do sujeito enquanto sequência de acontecimentos.

As sociedades instituíram medidas coercivas do tempo crônico para a própria organização em sociedade que seria uma medida para evitar o caos. Essa organização é representada pelo calendário. Medidas denominadas: estativa, que tem como ponto de referência um acontecimento histórico importante, como, por exemplo, o do calendário cristão, seria o “marco zero”, que orienta para frente e para trás, com as determinantes: antes e depois em relação ao eixo de referência. Por fim, a mensurativa que delimita um número de contagem: dia, mês, ano, quinzena, semana etc.

São esses pontos de referência que nos dão a situação dos acontecimentos e também nos orientamos por eles. Esclarecendo o tempo crônico, o que se pode dizer do tempo linguístico?

O tempo linguístico, segundo Benveniste (2006, p. 78) se mostra irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico. O tempo linguístico está ligado ao exercício da fala, à definição e à organização do discurso. O autor define a importância da discussão em torno desse conceito, uma vez que o entendimento da coerção do tempo é importante na construção de um discurso coerente pelos sujeitos envolvidos no discurso.

O presente linguístico é dado quando o enunciador fala, esse acontecimento é contemporâneo e é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente forma a linha de separação entre os dois tempos que estão presos ao exercício da fala, já que a língua situa o tempo apenas para frente e para trás a partir do presente. O eixo em que o tempo busca ser direcionado deve ser a instância do discurso em que este tempo presente está implícito.

Para Benveniste (2006, p.79), língua e cultura estão intrínsecos, segundo seu conceito de signo, a definição permeia pela forma de significar sendo que enfatiza duas modalidades de sentido para o signo: o semiótico e o semântico. No presente linguístico representado pela enunciação (o aqui, agora e o outro), é mostrado o presente que é a origem do tempo, é a partir daí que o homem organiza a temporalidade no discurso.

Segundo Benveniste (2006, p. 80) “é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”, ou seja, o trabalho de “eu” e “tu” é compreendido como

poder apropriar-se de recursos linguísticos para produzir efeitos sobre o interlocutor como informar, impressionar, persuadir precisando, assim uma resposta do interlocutor no discurso.

As contribuições de Possenti na reafirmação do posicionamento da Linguística enquanto ciência

Para Possenti (2003, p. 160), a língua é um sistema, pois é mais confortável pensar a língua por uma gramática e com certa regularidade, no entanto, imaginar que é somente “é pensar a língua de forma estática”. Segundo o autor a língua não é só isso, se analisar a condição do “chiste” na língua se observa a complexidade das possibilidades de funcionamento da linguagem no texto remetendo assim, que a língua é “um sistema propício a violações do próprio sistema e a uma estreita conexão com o exterior” (POSSENTI, 2003, p. 161).

Ao se posicionar em relação à Linguística como ciência, o autor defende que determinados campos da Linguística como a Fonética, a Fonologia e a Sintaxe são ciências, no entanto outro “a Análise do Discurso apresenta o regime de produção do discurso diferente do regime de produção do discurso da fonética ou da fonologia”, (POSSENTI, 2003, p.168), pois esses dois últimos lidam melhor com o fator da hipótese com o dado, com o contraexemplo, com o experimento, a regularidade.

Para Possenti (2003, p.169):

Agora, relativamente à pronúncia, embora ela também produza efeitos de discriminação a pesquisa é mais objetiva. Os programas de computador, as teorias acústicas estão aí mostrando que se pode fazer pesquisa “objetiva” num domínio da linguagem como provavelmente não se pode fazer em semântica, ou em teoria de texto. Ou, pelo menos, o resultado não é o mesmo. Não é que não se pode fazer, mas o resultado não é o mesmo.

Há que se observar também que as pesquisas em fonética, fonologia, morfologia e sintaxe já atingiram seu apogeu, pois são mais estáticas e que cabe ao linguista descrever a língua, explicar seu funcionamento com as pesquisas até aqui desenvolvidas e que essas áreas oferecem os mecanismos suficientes para análise, por exemplo, da descrição de uma língua indígena.

Quanto ao que se espera da Linguística enquanto agente de transformação social, Possenti (2003, p.170) considera fértil o campo da Sociolinguística que propicia um estudo aprofundado da linguagem enquanto possibilidade para que o sujeito não utilize a linguagem como lugar de discriminação.



Já para o século XXI entende que a importância das pesquisas em relação à estrutura das línguas, num caminho aberto pela gramática gerativa, na psicolinguística, procura refletir sobre a necessidade ou não de uma gramática universal. Outro campo que considera fértil no posicionamento da Linguística enquanto ciência é a Análise do Discurso e da relação do discurso com campos sociais, o autor considera ainda que a relação linguagem e ideologia, linguagem e gênero eleva as possibilidades de pesquisas nesses campos de discurso.

Considerações

Ao longo da constituição da Linguística na posição de ciência faz refletir sobre a importância do linguista na sociedade atual, visto que a língua não deve ser lugar de discriminação e precisa ser considerada como patrimônio posto a funcionar para diferentes necessidades de comunicação e nas mais variadas situações de emprego de pensamento.

O objetivo do texto foi além de pontuar os momentos históricos da formação da linguística como ciência, foi também mostrar alguns conceitos apontados por Benveniste acerca da subjetividade da linguagem que está no centro da sociedade. O texto pontua ainda a definição do campo de pesquisas e as considerações de Sírio Possenti, linguista que aponta campos de pesquisas da Linguística que estarão em desenvolvimento motivados pela relação linguagem e ideologia e a relação linguagem e gênero.

Referências:

BENVENISTE, E. A Linguagem e a Experiência Humana. In _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas – SP: Pontes, 2006. p.68 -80.

_____. Da subjetividade na linguagem. In _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas – SP: Pontes, 1995. p. 284 - 295.

_____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas – SP: Pontes, 2006. p. 93 – 105.

FARACO, C. A. Estudos Pré-Saussurianos. In: MUSSALIN, F. BENTES, A. C. **Introdução à Linguística 3. Fundamentos Epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. p. 27-52.

GAGLIARI, L. C. A. O que é Linguística? In: _____. **Alfabetização e Linguística**. 4. ed. São Paulo – SP: Editora Scipione, 1992. P.42 – 49.



EDIÇÃO Nº 18 AGOSTO DE 2016
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/05/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2016

POSSENTI, S. In CORTEZ, S. XAVIER, A. C. **Conversas com linguistas. Virtudes e controvérsias da Linguística.** São Paulo –SP: Parábola, 2003, p. 160 – 174.

SAPIR, E. A Posição da Linguística como Ciência. In: _____. **A Linguística como Ciência.** Rio de Janeiro - RJ: Livraria Acadêmica, s/d. p. 07- 42.